

BACURAU RESISTE: A INSURGÊNCIA DE UMA COMUNIDADE PRECÁRIA CONTRA A COLONIALIDADE

José Matheus Lira¹

Jéssica Moliterno Genú²

Ana Caroline Ramos Rocha³

RESUMO

Este caso para ensino, embasado na obra cinematográfica Bacurau, lançada em 2019, tem como objetivo principal discutir os aspectos de colonialidade, precariedade e resistência que podem ser identificados a partir das situações apresentadas pela trama. Primordialmente, a obra apresenta como a população de um pequeno povoado, que apresenta inúmeros problemas socioeconômicos, resiste bravamente a uma série de acontecimentos aterradores que se somam à já cotidiana precariedade enfrentada pela comunidade. Diante disso, o dilema do caso é resumido na questão: “o que os habitantes de Bacurau podem fazer diante da precariedade e da violência que lhes são impostas?”. O caso pode ser utilizado por docentes que atuam na graduação e na pós-graduação em administração, em disciplinas que enfatizam a colonialidade, a marginalização social e a realidade social de países do Sul global.

Palavras-Chave: Colonialidade; Precariedade; Resistência; Bacurau; Caso para ensino.

¹Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2018), com período de Graduação Sanduíche na École Nationale Supérieure Agronomique de Montpellier (2015-2016), Mestrado em Desenvolvimento Urbano (MDU) pela Universidade Federal de Pernambuco (2019-2022) e Doutorado em Administração (PROPAD) pela Universidade Federal de Pernambuco (cursando). É pesquisador do grupo de pesquisa MOBIS (Laboratório de Estudos Urbanos e Política da Mobilidade), possui interesse pelas áreas Planejamento e Gestão, Administração Pública, Mobilidade Urbana e Pós-colonialismo e tem desenvolvimento pesquisas atualmente acerca da subjetivação dos indivíduos em contextos periféricos.

²Possui graduação em Administração de Empresas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2015). Mestrado em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração (PROPAD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutoranda em Administração de Empresas vinculada ao Programa de Pós-graduação em Administração (PROPAD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente atua como professora no Instituto de Desenvolvimento Educacional e desenvolve pesquisas sobre relações de trabalho, capitalismo de plataforma e áreas afins junto ao Grupo de Pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional de Pernambuco (OBSERVAT- PE).

³É mestranda em administração pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, com especialização em metodologia do ensino superior pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA(2020), possui graduação em administração de empresas pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA (2009). Possui vínculo como servidora no cargo de Administradora na UFMA e possui interesse de pesquisas na áreas de estudos organizacionais, trabalho de plataforma e cooperativismo de plataforma, atualmente faz parte do grupo de pesquisa Observatório da Realidade Organizacional de Pernambuco.

BACURAU RESISTE: LA INSURGENCIA DE UNA COMUNIDAD PRECARIA CONTRA LA COLONIALIDAD

RESUMEN

Este caso de enseñanza, basado en la obra cinematográfica Bacurau, lanzada en 2019, tiene como objetivo principal discutir los aspectos de colonialidad, precariedad y resistencia que se pueden identificar a partir de las situaciones que presenta la trama. Principalmente, el trabajo presenta cómo la población de un pequeño pueblo, que presenta numerosos problemas socioeconómicos, resiste valientemente una serie de eventos aterradores que se suman a la precariedad ya cotidiana que enfrenta la comunidad. Ante esto, el dilema del caso se resume en la pregunta: "¿qué pueden hacer los habitantes de Bacurau ante la precariedad y la violencia que se les impone?". El caso puede ser utilizado por profesores que trabajan en administración de pregrado y posgrado, en disciplinas que enfatizan la colonialidad, la marginación social y la realidad social de los países del Sur global.

Palabras clave: Colonialidad; Precariedad; Resistencia; Bacurau; Caso de enseñanza.

BACURAU RESISTS: THE INSURGENCY OF A PRECARIOUS COMMUNITY AGAINST COLONIALITY

ABSTRACT

This teaching case, based on the cinematographic work Bacurau, launched in 2019, has as main objective to discuss the aspects of coloniality, precariousness and resistance that can be identified from the situations presented by the plot. Primarily, the work presents how the population of a small village, which presents numerous socioeconomic problems, bravely resists a series of terrifying events that add to the already daily precariousness faced by the community. In view of this, the dilemma of the case is summarized in the question: "what can the inhabitants of Bacurau do in the face of the precariousness and violence imposed on them?". The case can be used by professors working in undergraduate and graduate administration, in disciplines that emphasize coloniality, social marginalization and the social reality of countries in the global South.

Keywords: Coloniality; Precariousness; Resistance; Bacurau; Teaching case.

INTRODUÇÃO

Uma cidade pacata, com ruas de areia e casas com estrutura típica de uma região interiorana: um ônibus escolar abandonado transformado em um viveiro de plantas; um trailer que se torna um bordel; e uma pequena casa convertida em museu, são alguns dos arranjos presentes no pequeno povoado do sertão brasileiro de Bacurau, que indicam a escassez, a carência e as particularidades enfrentadas pelos moradores da região em um futuro não explícito.

Dentre os personagens, os artefatos culturais e a representatividade de cada um como membro relevante da coletividade são presentes: um foragido querido chamado de Pacote; uma transexual, Darlene, que tem a função de olheira; Domingas, a única médica da cidade que sofre com problemas de alcoolismo; um professor simples e respeitado (Plínio); e um prefeito (Tony Júnior) não tão querido, são exemplos desses atores com características marcantes para a dinâmica da região.

A cidade que é caracterizada pelas suas ruas de terra e estruturas em condições precárias, também possui em seu povoado, atributos da simplicidade cristalina nas suas vestimentas, nos comportamentos expressos e nas particularidades da comunicação. Não se tem na obra apenas um indivíduo como protagonista, e sim o povoado como unidade devido ao poder de organização entre os cidadãos. O contraste entre os personagens reside na união de membros tão diferentes, como também pela distribuição e consumo de comprimidos com efeito psicotrópico entre os cidadãos, que estimulam o sentimento de coletividade quando surgem situações desafiadoras.

A comunidade, exibe uma condição de marginalização social e seus personagens começam a ser apresentados a partir das situações que se fazem presentes em um cenário de riscos e incertezas. O enredo da trama tem seu início em uma manhã de sol, quando um sentimento de tristeza invade o coração do povoado de Bacurau. A morte de uma grande líder comunitária, dona Carmelita, abala os moradores mutuamente, que fazem uma pequena homenagem à sua memória com a organização de um cortejo guiado pela própria comunidade.

Ainda se recuperando da sua perda, os moradores de Bacurau percebem que fatos estranhos começam e, prontamente, ficam em alerta. Um acontecimento que desperta a atenção da comunidade refere-se a chegada do caminhão encarregado de transportar água. Um dos moradores nota que há no veículo marcas de bala, o motorista assustado não entende como o fato pode ter ocorrido. Reforça-se que a comunidade de Bacurau enfrenta dificuldades de acessibilidade de aspectos fundamentais para a sobrevivência humana como água, saneamento, alimentos e remédios, sendo assim, a chegada desse veículo é fundamental para a sobrevivência da comunidade.

Logo em seguida, os moradores se surpreendem novamente, dessa vez com a chegada de dois motociclistas de trilha. Todo o povoado se entusiasma com a vinda dos novos visitantes, afinal, turismo em Bacurau é um acontecimento incomum. Em meio a questionamentos, inquirirem aos mesmos sobre o conhecimento acerca do povoado, ficando surpresos quando descobrem que o local não consta no mapa e que os “visitantes” não sabiam da sua localização, o que se constitui novamente como mais um fato singular.

O que os moradores de Bacurau não sabem, é que esses forasteiros não são os únicos a estarem na região. Muito pelo contrário, eles possuem a função de reconhecer o terreno para que os demais, advindos do exterior, comecem a jogar um jogo macabro, onde os moradores do povoado serão impiedosamente caçados e mortos, fazendo com que o seu algoz ganhe pontos. A regra é clara: quem matar mais, vence.

No decorrer dos dias, um dos moradores mais conhecidos e admirados no povoado, alcunhado de Pacote, que porventura é foragido da polícia e se apresenta como um rapaz forte e destemido, toma conhecimento do assassinato brutal de um família em uma fazenda nas proximidades da região, bem como constata que dois de seus amigos, que foram até o local “investigar” o ocorrido, acabaram tendo o mesmo fim. Ao se dirigir ao cenário desses crimes, Pacote se depara com os corpos de seus amigos e com marcas de sangue, é neste momento que um morador ancião do povoado se aproxima e tem uma conversa com ele:

Pacote: *“Eu devia ter vindo com eles”.*

Idoso: *“Ia ser três aí no chão. Ontem eu vi um drone. Parecia um disco voador de filme antigo, mas era um drone”.*

Pacote: *“Tu viu aonde esse drone?”.*

Idoso: *“Lá perto de Bacurau”.*

Os dois colocam os corpos dos amigos dentro do carro. Pacote entra no carro, enquanto o morador ancião espera em sua moto. Indo em sua direção, Pacote avisa:

Pacote: *“Tu volta pra Bacurau. Eu vou falar com Lunga”.*

Idoso: *“Lunga. O homem vale mais pelo mal, do que pelo bem que pode fazer”.* Fala pensativo. *“Óa, o drone que eu falei não é de ninguém daqui viu. Fica de olho no céu”.*

Pacote, tomado pela revolta com a morte dos amigos, grita enraivecido no decorrer do caminho, uma vez que ele alertou aos amigos para que não fossem à fazenda por ser perigoso. Não obstante, ao chegar no local em que Lunga reside, que aparenta ser uma represa abandonada, Pacote sinaliza através do reflexo solar em um pequeno espelho, para se identificar.

Lunga, que aparenta ser da mesma geração que Pacote, porta vestimentas chamativas, anéis extravagantes, unhas pintadas de preto e cabelo tingido, demonstrando um estilo próprio fora do padrão simplório dos moradores da cidade. Essas características destoam com a personalidade do rapaz, que aparenta ser um herói justiceiro do sertão (fazendo alusão ao famigerado cangaceiro Lampião).

Ao se dirigir a Pacote, Lunga, sem sair da proteção de sua moradia e do lado de dois de seus parceiros, questiona:

Lunga: *“Tem certeza que não foi seguido?”*.

Pacote: *“Tenho”*. Fala revelando a Lunga e aos seus parceiros os cadáveres no carro.

Parceiro: *“Isso é Flávio, é?”*. Responde, assustado, um dos parceiros do Lunga ao identificar que um dos corpos é de seu primo Flávio.

Pacote: *“É!”*.

Lunga e seus parceiros correm rapidamente para verificar o ocorrido. O primo de Flávio chora ao lado de seu cadáver e questiona se a sua tia já tem conhecimento do ocorrido. Pacote responde que não e, em seguida, explica a cena que viu:

Pacote: *“Encontrei os meninos lá em Tarairu, na fazenda de Manelito. Mataram todo mundo por lá, dona Soraia, o filho, todo mundo. Tô aqui para pedir ajuda de vocês”*.

Lunga: *“Quem foi que fez isso?”*.

Pacote: *“Não sei Lunga, mataram sete de ontem para hoje. Sete. Furaram o caminhão de Eivaldo inteiro”*.

Lunga: *“Peraí, mataram o Eivaldo também?”*.

Pacote: *“Não, não mataram o Eivaldo. Mas ele chegou com o caminhão perdendo água”*.

Lunga: *“Perdendo água”*. Repete Lunga, pensativo.

Parceiro: *“O Lunga tá cansado”*.

Lunga: *“Cansado é o caralho. Eu tô é com fome. A gente tá aqui feito à bicha do Che Guevara passando fome nessa merda”*.

Parceiro: *“Eu também tô com fome”*.

Pacote: *“Em Bacura tem comida e água. Vamo! O pessoal lá sabe o que vocês fazem por eles. Vocês são importantes”*.

Lunga, após tomar conhecimento dos fatos, decide então retornar a sua cidade juntamente com o seu bando com o intuito de unir forças com a população e auxiliar no combate de um possível inimigo, até então desconhecido.

A partir do contexto criado, pode-se perceber aspectos de precariedade que se fazem presentes na realidade de Bacurau; tanto observando o povoado como um todo, que sofre sem água, remédios e demais itens de necessidade básica, quanto o cangaceiro Lunga, que, a despeito de sua posição de justiceiro, passa por necessidades de alimentos e água. Ademais, outro ponto que pode ser inferido, é a atmosfera de medo e atenção constante da população de Bacurau, que, supostamente devido ao fato de ter se deparado com tantas intempéries na vida, aprendeu a ver tudo com um olhar de desconfiança.

É, portanto, diante desses elementos apresentados que se desvela o dilema que norteia este caso para ensino: “o que os habitantes de Bacurau podem fazer diante da precariedade e da violência que lhes são impostas?”. Com o intuito de esclarecer esse dilema, o presente caso para ensino tem como categorias analíticas a colonialidade, a precariedade e a resistência, que são retratadas nas discussões sobre aspectos fundamentais da produção cinematográfica a partir dos seus recortes principais.

OBJETIVOS EDUCACIONAIS DO CASO

A proposta possui como objetivos educacionais: a) Construir o conceito de colonialidade a partir da identificação dos fatores que sugerem a sua presença no povoado de Bacurau, recorte fictício utilizado no caso; b) identificar a precariedade como uma das marcas

contemporâneas da colonialidade; c) situar a importância da resistência como mecanismo emancipatório para indivíduos em condição de subalternidade.

DESCRIÇÃO DA FORMA DE OBTENÇÃO DOS DADOS

A primordial fonte de dados advém do filme *Bacurau* dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles. O filme pertence ao gênero drama, faroeste e ficção científica. Ele foi lançado em 25 de setembro de 2019, vencedor do prêmio do júri do Festival de Cannes, Paris, 2019, como também ganhou prêmio no Cinema Brasileiro, nas categorias de melhor filme, direção e roteiro original.

As cenas do filme tiveram gravação no povoado de Barra, município de Parelhas, no estado do Rio Grande do Norte. Bacurau se trata, a rigor, de um povoado de um município fictício chamado “Serra Verde”, descrito no início do filme “Oeste de Pernambuco daqui a alguns anos” (BACURAU, 2019). Em adendo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com o intuito de fundamentar alguns pontos cruciais para a discussão e gerar os apontamentos teóricos para a resposta à indagação do caso.

INDICAÇÃO DO PÚBLICO PARA A APLICAÇÃO DO CASO

Este caso é indicando para ser aplicado junto a discentes dos cursos de graduação e pós-graduação do curso de Administração e afins, no que tange a abordagem de temáticas como a colonialidade e suas três dimensões: a colonialidade do poder, do saber e do ser, a marginalização social, a organização social como forma de resistência e a realidade social brasileira.

QUESTÕES PARA O DEBATE

Indicam-se as seguintes questões para reflexão:

- 1) Com base nos diálogos apontados, indique: De que modo a colonialidade pode ser percebido a partir de Bacurau?

- 2) Como se fomenta a precariedade no povoado de Bacurau e qual a sua função estrutural?
- 3) Qual é o papel da resistência exercida pela população de Bacurau ante a realidade imposta?

SUGESTÃO PARA UM PLANO DE ENSINO

De forma preliminar à aplicação do caso, sugere-se que o (a) professor (a) demande à turma que assista ao filme “Bacurau” na íntegra previamente. Em função disso, salienta-se a importância que de que esse aviso seja feito com antecedência, de modo a oferecer tempo hábil para que todos os indivíduos assistam ao filme e reflitam a sua narrativa.

Em relação à discussão do caso de ensino, aponta-se que esta poderá seguir a seguinte sugestão: Inicialmente, pode haver um 1º encontro para a realização da atividade, tem-se a sugestão de divisão de ações em 3 segmentos. Na primeira parte, o (a) professor (a) poderá transmitir para a turma algumas cenas estrategicamente selecionadas com a finalidade de despertar a reflexão sobre os principais temas abordados nesta proposta. Na segunda parte, o (a) professor (a) tem a possibilidade de questionar aos alunos a percepção que eles tiveram em relação às cenas, dando *insights* para que a indagação do caso possa surgir em meio às contribuições. Na terceira parte, o (a) professor (a) deve conduzir a turma a uma reflexão teórica com fundamento nos acontecimentos do filme e, em seguida, sugerir a divisão de grupos para discussão das questões para o debate, que será promovido no 2º encontro.

No 2º encontro para a realização e finalização do caso, sugere-se a realização do debate na turma das questões propostas. A importância de deixar esse debate para esse segundo momento é que os alunos têm a possibilidade de refletir nas cenas do filme, fazer leituras e absorver os aspectos teóricos que circundam os acontecimentos nos recortes selecionados da obra. Sugere-se, então, que o (a) professor (a) assuma a posição de mediador (a), deixando que os alunos se expressem livremente acerca de suas percepções.

Caso não haja a possibilidade de realização do caso em dois encontros, sugere-se que o debate das questões seja realizado logo após a terceira parte do primeiro encontro, após o (a) professor (a) oferecer os subsídios teóricos para que estas possam ser respondidas.

Espera-se, portanto, que o (a) professor (a) e os alunos possam discutir de forma crítica a situação de colonialidade que se faz presentes em contextos periféricos, a partir de sua contextualização como fenômeno histórico e epistêmico nas sociedades e organizações, buscando visualizar possíveis cenários de construção de um conhecimento em administração mais emancipado.

BREVE REVISÃO DE LITERATURA

A grande simbologia existente na obra Bacurau permite-nos refletir sobre aspectos cruciais que circundam o nosso país, em termos mais delimitados, e uma realidade periférica que é comum a tantos outros países do Sul global.

Desse modo, iniciando a abordagem com uma visão mais ampla, deve-se apontar que o desaparecimento do colonialismo histórico não determinou o fim do colonialismo enquanto forma de sociabilidade fundamentada na imposição de uma inferioridade étnico-cultural e ontológica sobre o outro, o subalterno (SANTOS, 2021). Por isso, assume-se que a colonialidade continua a ser um instrumento massivo da contemporaneidade que influencia em diversos aspectos da vida cotidiana de países periféricos, quer seja nos âmbitos socioeconômicos, territoriais, no conhecimento e na constituição da subjetividade dos indivíduos.

Nesse contexto, observando-se os jogos imperialistas que perpetuam essa dominação colonial na contemporaneidade (IBARRA-COLADO, 2007), desagua-se no pensamento de Souza (2018, p.12), que enfatiza que “cria-se, com isso, uma mentalidade de senhor, nos países que mantêm uma divisão internacional do trabalho que os beneficia como merecimento, e uma mentalidade de escravo, daqueles povos criados para a obediência, para a exploração e para a subordinação”.

Os países líderes dessa dinâmica imperialista, especialmente os Estados Unidos da América - simbolizados em Bacurau pelos invasores - têm atuado para além dos campos econômicos e sociais, desaguando principalmente no campo da epistemologia, conquistando as identidades de indivíduos em contextos periféricos a partir do conhecimento e criando uma condição eterna de subserviência que é, pois, uma estratégia para a manutenção do *status quo* (IBARRA-COLADO, 2007).

Sendo assim, percebe-se a continuidade da existência de amarras coloniais que continuam a demarcar o mundo a partir de linhas cartográficas abissais, que não se limitam à delimitação geográfica e ecoam, também e principalmente, na estrutura do pensamento moderno ocidental, permanecendo enquanto pontos cruciais para o fomento e a manutenção das relações políticas e culturais mantidas entre o Norte e o Sul global (SANTOS, 2007; 2021). Tem-se, então, que o pensamento moderno ocidental seria, também, ditado conforme tais linhas abissais, separando ontologicamente os indivíduos do *primeiro* e do *terceiro mundo*. Não havendo, pois, na modernidade, humanidade sem sub-humanidades (SOUZA, 2018; SANTOS, 2021).

Quando se fala em conhecimento, muitas vezes se pensa apenas naquele produzido pela academia, mas aqui se faz um convite à compreensão do conhecimento enquanto algo que transpassa esse primeiro entendimento e recai na formação de subjetividades. Com isso em mente, percebendo que o conhecimento moderno do Ocidente continua a repercutir através de linhas abissais, tem-se que são estabelecidas subdivisões da realidade social em dois distintos universos: o “deste lado” e o “do outro lado” da linha. Essa subdivisão é tão profunda que o “outro lado” da linha se esmaece e chega a desaparecer enquanto realidade, tornando-se, assim, inexistente, ao passo em que a sua própria produção já foi empreendida focalizando em sua inexistência (SANTOS, 2007; 2021).

Essa é a sagacidade interessante de Bacurau, colocar o “outro lado” da linha como uma realidade forçada à inexistência, ao apagamento, mas que, então, resiste. Outra leitura que podemos fazer é a suposta impossibilidade de coexistência dos dois lados da linha, “o universo “deste lado da linha” só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante:

para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética” (SANTOS, 2007, p.71, grifo do autor).

Sendo assim, os indivíduos que habitam em Bacurau assumem uma *identidade subalterna*, uma diferenciação ontológica em relação aos outros indivíduos que são, nessa lógica do pensamento abissal, *gente*. Esses sujeitos, constituídos do outro lado da linha abissal, o lado da inexistência, foram forjados para serem ausentes, alienados, mentalmente subordinados e para possuírem um estranhamento em relação a si próprios (SOUZA, 2018; MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2020; SANTOS, 2021).

Com base nisso, os habitantes de Bacurau, por não serem ontologicamente semelhantes aos indivíduos “deste lado da linha abissal” - o lado da existência -, podem morrer pelas mãos do Estado, pelas mãos dos invasores e, até mesmo, pelas mãos dos seus compatriotas que, advindos do Sul e do Sudeste, regiões mais abastadas e protagonistas em uma dinâmica capitalista que tanto suga do Norte e Nordeste do país desde a colonização histórica, têm uma mentalidade de senhor/colonizador (SOUZA, 2018), porém são completamente subservientes ao indivíduo do Norte global.

Na perspectiva de Souza (2018, p. 15), esse contexto que atua na retirada da autoestima e autoconfiança dos brasileiros, só veio a se tornar algo hegemônico pois “se traduz em dinheiro e hegemonia política para a ínfima elite do dinheiro que nos domina há séculos. Essa ideia possibilita a união do desprezo das elites internacionais em relação à periferia do capitalismo, com o desprezo das elites nacionais pelo seu próprio povo”.

À vista disso, faz-se pertinente atentar para a definição do próprio conceito de colonialidade, cunhado por Aníbal Quijano na década de 1980 (MIGNOLO, 2017; BALLESTRIN, 2013). Desde então, esse conceito vem sendo amplamente utilizado por diversos autores decoloniais, inclusive o próprio Walter Mignolo. Em suas palavras, “a colonialidade nomeia a lógica subjacente da fundação e do desdobramento da civilização ocidental desde o Renascimento até hoje, da qual colonialismos históricos têm sido uma dimensão constituinte, embora minimizada” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

A modernidade é, então, compreendida como sendo uma narrativa complexa, a qual teve como ponto de origem a Europa, edificando uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao passo em que celebra as suas conquistas, jogando para debaixo do pano o seu lado mais obscuro, a colonialidade. Logo, Mignolo (2017, p. 2) afirma que a colonialidade “é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade”.

Além disso, Quijano (2010) ao demarcar a definição da colonialidade, diferencia-se do “colonialismo” pelo fato de não se limitar a uma experiência histórica datada, mas a algo que se ramifica em outras dimensões da contemporaneidade (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2013). Por conseguinte,

a colonialidade começa quando o “outro” é classificado pelo detentor do poder como subalterno, havendo o paradigma moderno eleito a ideia de “raça” como especial elemento articulador da dominação e hierarquização entre pessoas, povos e sociedades, privilegiando o branco-europeu em detrimento do amplo contingente de índios, negros e mestiços que habitavam o mundo, que nada tinha de “novo” (*Ibid.*, p. 8).

Assim sendo, pode-se perceber que a colonialidade se reproduz mediante uma dimensão tripla: a colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser. Ampliando esse escopo de visão, Mignolo (2003; 2010) aponta que a colonialidade do poder possui uma matriz complexa, com vários níveis entrelaçados, sendo eles: o controle econômico, o controle da autoridade, o controle da natureza e seus recursos, o controle do gênero e da sexualidade, o controle da subjetividade e do conhecimento.

Segundo Grosfoguel (2008, p. 126), observa-se o conceito de colonialidade do poder visa denunciar a continuidade das formas de dominação coloniais após o término formal das administrações coloniais, “produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial”. A colonialidade do saber seria, em sequência, a dimensão epistêmica e epistemológica da colonialidade e a raiz da colonialidade do poder (IBARRA-COLADO, 2006). Aponta-se, através dessa dimensão da colonialidade, as estruturas hierárquicas de poder erguidas com base no conhecimento que culminam por gerar hierarquias de dominação e diferenciação ontológica entre os seres (IBARRA-COLADO, 2006; SOUZA, 2018; MARTINS, 2019; SANTOS, 2021).

Em relação à colonialidade do ser, Santos (2021) salienta que Maldonado-Torres (2007) se inspira em Frantz Fanon para a construção desse conceito em paralelo aos conceitos de colonialidade do poder e do saber, uma vez que a colonialidade deixou marcas muito profundas, para além do âmbito da economia, da autoridade e da sexualidade, culminando na compreensão geral do ser. Para Martins (2019), o que os pesquisadores almejam a partir da colonialidade do ser é revisar de modo conceitual “a representação fragmentária do sujeito coletivo que brota da representação utilitária do ser humano individual” (*Ibid.*, p. 68).

Não obstante, conforme Ballestrin (2013) salienta, a construção da diferença, da pureza e da superioridade da raça branca em detrimento das demais (a indígena e a negra) é um feito inédito do colonialismo, sendo assim, nas palavras de Quijano (2000, p. 342 apud BALLESTRIN, 2013, p. 101), tem-se que

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América.

No que tange à precariedade vivenciada pelos habitantes de Bacurau, tem-se que ela é efeito do poder colonial que é exercido sobre a comunidade. Com fundamento em Souza (2018), observa-se que a desigualdade estrutural que perpassa o Brasil é resultante de um processo histórico - o colonialismo -. A partir desse contexto, pode-se pensar as mazelas que perpassam a vida social brasileira, notadamente a desigualdade, como fruto direto das relações de dominação ocorridas no país com o intuito de perpetuar a precariedade existencial de muitos indivíduos em nome da manutenção dos privilégios de poucos. Além disso, deve-se salientar que a própria precariedade que transpassa a vida de inúmeros brasileiros é fruto e mecanismo de manutenção da distinção ontológica que classifica os indivíduos vulneráveis enquanto *gente de segunda classe*.

Desse modo, é pertinente mencionar que, na visão de Santos (2021, p. 46), a resistência contra o colonialismo “engloba uma dimensão ontológica”, pois é

fundamentalmente um modo de *re-existência*. É primordial para que haja a resistência ao colonialismo a descoberta do seu local de enunciação e da sua condição de outro (IBARRA-COLADO, 2007; BALLESTRIN, 2013), pois é a partir desta descoberta que os indivíduos podem assumir o poder que possuem e, de fato, resistir ou se fazer re-existir em face à violência exercida pelo colonialismo.

Cabe enfatizar que, conforme Santos (2021) salienta, a resistência de todos os grupos sociais que vêm sendo vítimas de opressão, injustiça, violência e demais destruições causadas pelos três modos de dominação - o colonialismo, o capitalismo e patriarcado - têm que se unir, pois “[...] nenhuma luta social, por mais forte que seja, pode ter êxito se se pensar e organizar como incidindo apenas contra um dos modos de dominação” (*Ibid.*, p. 62). Por mais que não seja do intuito deste caso para ensino aprofundar nos três modos de dominação e em como eles se emaranham formando essa realidade social demarcada pela cartografia abissal, parece-nos interessante enfatizar a importância da articulação das lutas sociais, como um convite para que os indivíduos deixem as diferenças de lado e assumam a sua posição como *outro*, como subalterno e resistam à dominação. Bacurau nos mostra magistralmente como a união se fez importante para viabilizar a resistência.

DISCUSSÃO

Os elementos de precariedade presentes em Bacurau

Bacurau, cujo nome provém de um pássaro da região, ferino e com hábitos noturnos, é repleta de elementos representativos de precariedade. O povoado carece de condições básicas de subsistência e infraestrutura. A chegada do prefeito Tony Júnior, retrata acertadamente esse aspecto quando não é bem recebido, devido a sua má gestão e desinteresse pelo local.

Chegando com alguns carros e um caminhão tocando alto a música de sua campanha, o candidato chega à cidade e se depara com os moradores escondidos em suas casas, irritados com a sua presença. Antes de proferir seu discurso, Tony indica para um funcionário da sua campanha filmar e, logo em seguida, um caminhão descarrega um amontoado de livros mal conservados no chão de uma das ruas vazias. Após se certificar que os livros já foram

descarregados e que o ato foi devidamente filmado, Tony inicia sua fala com auxílio de um alto falante:

Tony Júnior: *“Alô, alô. Bom dia. Bom dia a todos! Eu sei que vocês estão aí me ouvindo. Eu sei que nós já tivemos as nossas diferenças, mas hoje, hoje eu tô aqui de coração aberto. Eu tô trazendo só coisa boa. Tem livros para escola, que tem a melhor biblioteca da região, né verdade? A biblioteca do seu Plínio, da professora Ângela, né Ângela?”*. Silêncio em resposta. *“Eu trouxe donativos também, trouxe comida que é importante sempre. Tem caixão, remédios”*. Homens deixam no chão algumas sacolas ao lado de caixões. *“Eu estou aqui para cuidar de vocês, a verdade é essa. A eleição tá chegando como todo mundo sabe e vamos continuar trabalhando juntos. Eu estou pleiteando a minha eleição, mas precisamos nos unir. Eu gostaria até de coletar umas etinhas. Eu trouxe aqui ó, a maquininha leitora que é justamente para facilitar a vida de quem não puder ir no dia. Hein gente? Vamo chegar! Venham pra cá! Deixem de pantim”*.

O prefeito é ridicularizado pela comunidade que começa a ofendê-lo gritando de suas residências para que o mesmo vá embora. O candidato reage, dizendo:

Tony Júnior: *“A se a política fosse assim... Queria ver vocês aqui no meu lugar. O buraco é mais embaixo minha gente, mas ó, a gente vai resolver a bronca da água, se preocupe não, agora vamo conversar, eu tô aqui aberto ao diálogo, vamos chegar...”* continua o candidato em meio a reclamações e gritos de repulsa advindos das casas dos moradores.

O prefeito finalmente desiste e manda ligar a música para abafar a gritaria e decide de ir embora levando consigo uma das prostitutas do local que exprime seu contragosto nessa saída. Na noite desse mesmo dia, os moradores se reúnem na praça e organizam os mantimentos recebidos pelo candidato. Munido de um microfone o professor Plínio alerta o público:

Plínio: *“Olha gente. Esses mantimentos aqui já passaram pela triagem viu. E alguns tavam até com o prazo de validade vencido. Alguns com até seis meses além do prazo. Nós não jogamos esses mantimentos fora, quem quiser arriscar eu recomendo cuidado tá. Ah, Toni Junior também*

doou mil livros para a comunidade”. Risos. “A gente como sempre vai usar os que tiverem proveito tá, depois a gente escolhe isso junto”.

Posterior ao discurso do professor, a médica da cidade, vestida com seu jaleco, pega o microfone para transmitir as orientações e, abrindo um grande balde transformado em lixeira, fala:

Médica: Boa noite. Essa semana a Tereza trouxe na mala um carregamento de vacina, estamos abastecidos”. Informa indicando as vacinas que a moradora havia trazido e chamando a atenção para uma das caixas de remédio continua: “Mas eu quero chamar a atenção de vocês para essa caixa de Prazol quatro que Toni Junior deixou aqui na cidade”. Risos e uma fala indicando que é “presente de grego” ecoam no decorrer da orientação, continua a médica: “Remédio tarja preta com distribuição gratuita sem prescrição médica, como alguns de vocês já sabem, o Prazol quatro é inibidor do humor e comportamento só que disfarçado de um analgésico forte. É um remédio consumido no Brasil inteiro por milhões de pessoas, e não perguntem por quê. Em forma de supositório que é o que mais vende. Faz mal, vicia e deixa a pessoa lesa. A caixa tá aqui, quem quiser pegue, mas o recado tá dado. Só mais uma coisa que eu queria falar, eu queria pedir desculpas a todos vocês, pelo meu mau comportamento no velório de Carmelita. Carmelita foi uma pessoa importante. Carmelita é importante”, diz, dirigindo-se ao professor Plínio, parente de Carmelita, que permanece ao seu lado.

As nuances de precariedade estão presentes desde a infraestrutura até a questão dos recursos, apresentando uma ideia de marginalização social a partir da má distribuição de recursos e de renda para as populações excluídas. Por outro lado, nesse mesmo contexto de precariedade, aparelhos tecnológicos estão presentes, inclusive uma rede de internet na qual todos os cidadãos buscam estar conectados.

No dia seguinte, Flávio, juntamente com outro morador de Bacurau, dirige-se à caminho de uma fazenda vizinha para avisar que os cavalos dessa propriedade foram vistos soltos na noite anterior nas imediações do povoado e, durante o percurso, avistam dois motoqueiros de trilha indo para o local. De imediato, avisam a Pacote:

Flávio: *“Vem duas motos entrando para Bacurau”.*

Pacote: *“Duas motos como? Peraí, peraí, peraí”.* Fala caminhando para um local mais silencioso. *“Flávio, duas motos como?”.*

Flávio: *“Parece trezeiro, mas não é ninguém que eu conheço não”.*

Pacote: *“É, mas não desliga não. Peraí, eles pararam?”.*

Flávio: *“Peraí, segura aí que eles tão chegando”.*

Os motoqueiros passam por Flávio e seu amigo.

Flávio: *“Tás ai ainda? Foram direto aí para Bacurau”*, complementa Flávio para Pacote.

Pouco tempo depois, os motoqueiros passam por uma casa que fica um pouco antes da cidade. Nesta casa, a moradora Darlene, ao lado de seu companheiro, envia uma mensagem de voz por meio de seu celular

Darlene: *“Dois motoqueiros de trilha indo para Bacurau, mas os dois tão de capacete, devem estar por aí em dois minuto”.*

Após o alerta emitido por Darlene, toda a comunidade acessa seus aparelhos a fim de verificar quem são os visitantes e aguarda ansiosamente, nas ruas, a chegada dos turistas inesperados. Quando os motoqueiros adentram o povoado, são acompanhados pelos moradores através dos aparelhos celulares que usam para estabelecer a comunicação, principalmente quando há alguma situação que levanta a desconfiança geral.



Figura 1: *A chegada dos forasteiros, cena do filme Bacurau de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.*

Bacurau, carente de recursos e infraestrutura, apresenta um alto grau de conectividade entre os cidadãos e também com o “mundo externo”, ao expor a preocupação dos habitantes em acompanhar determinadas redes sociais e ao manter a acessibilidade à internet e aos meios de comunicação como item essencial.

Os aspectos da colonialidade também se fazem presentes no decorrer de toda a obra, mais especificamente nestes recortes, nos quais elementos provenientes da visita do prefeito Tony Júnior demonstram claramente o tratamento *diferenciado* dado aos moradores da comunidade. Ao trazer livros velhos e desatualizados em um caminhão e descarregá-los diretamente no chão, percebe-se o descaso em relação ao acesso à uma educação de qualidade pelos moradores do povoado. Além disso, ao destruir medicamentos vencidos, que podem ser fatais, e remédios *tarja preta*, de uso controlado, desvela-se mais uma nuance desse descaso, enfatizando que as necessidades básicas daqueles indivíduos não são observadas pelo poder público, sendo à eles relegados os “restos” da “civilização”.

Outro ponto passível de reflexão refere-se à questão da água que, por seu turno, é pontuada rapidamente em uma das falas do prefeito, que enfatiza que ela “será resolvida em breve”. Desse contexto, pode-se perceber que essa já é uma questão antiga, que vem sendo ignorada pela prefeitura, deixando, assim, escapar mais uma nuance da precariedade enfrentada pelos cidadãos de Bacurau e do tratamento inferior que recebem pelos que estão no poder, quase como se não fossem gente como eles.

Além do mais, sabe-se que a localização de Bacurau infere em uma região marcada por dificuldades de acessibilidade a esses recursos e que isso, ao invés de ser um estímulo para melhorias, converte-se em um fator excludente de separação entre o colonizador e colonizado, entre o cidadão da cidade e o cidadão de Bacurau, entre quem é gente e quem é subgente, transparecendo uma ideia de hierarquização entre os indivíduos.

O domínio político elitizado na perspectiva dos brasileiros, conforme preconiza Souza (2018), estimula a dominação e a extração de regiões periféricas em prol de regiões da alta cúpula. Observando esses elementos é notória como a colonialidade ainda está presente e se

traduz em um domínio longínquo que perdura na contemporaneidade. Em particular no filme Bacurau, esse contexto se traduz em desprezo da própria sociedade que se autodenomina em uma posição superior aos moradores da comunidade.

Por outro lado, tem-se que a comunidade possui um forte elo, fazendo uso da união para sobreviver ao aterrador contexto de falta que perpassa a sua existência. Essa união será, portanto, o mecanismo primordial para que esses indivíduos lutem contra a sua inexistência.

Bacurau existe sim!

A dúvida acerca da existência de Bacurau é evidenciada no decorrer de toda a produção cinematográfica. Durante o momento de aula ao ar livre do professor Plínio com as crianças do povoado, uma criança faz uma pergunta mostrando-se curiosa sobre a localização exata de Bacurau:

Criança 1: *“Professor, qual é a distância de Bacurau para São Paulo?”*

O professor Plínio se mostra interessado com a pergunta do menino e com o uso de um tablet procura dar a resposta para as outras crianças também que ficaram ao redor e atentas às suas palavras:

Plínio: *“Olha aqui, vamos procurar aqui no mapa, ei vamos olhar aqui, vamos ver se a gente acha Bacurau aqui tá. Então vamos ver. Vamos procurar aqui”*.



Figura 2: Procurando Bacurau no mapa, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

Enquanto o professor busca encontrar a localização de Bacurau com o auxílio de um tablet, equipamento avançado diante das condições de pobreza, da realidade de seca, de exploração de políticos corruptos e de precariedade de vida do povoado, as crianças começam os vários diálogos perpassados pela ânsia de ver a localização do povoado:

Criança 1: *“Bacurau deve tá longe, professor?”*.

Criança 2: *“Oh professor Bacurau tem que tá aí”*.

Plínio: *“É ué vamos procurar no computador maior lá dentro da sala, vamos?”*.

Crianças: *“Vamos”*.

Plínio: *“Então vamos lá, vamos procurar no outro computador, Bacurau tem que aparecer no mapa, vem cá, vamos, não vão sair se atropelando aí”*.

Crianças: *“Vamos. Vamos”*.

Plínio: *“Vamos tentar olhar aqui, vamos ver se a gente consegue, nós temos que procurar Bacurau no mapa. Aqui é fácil, vamos ver aqui, então gente vamos olhar aqui. Oh Bacurau, pera aí. Vamos entrar por satélite. Serra Verde. Ué era pra tá aqui”*.

Criança 1: *“Cadê Bacurau? Cadê a casa de vovó Tela?”*.

Criança 2: *“Professor não precisa pagar pra entrar no mapa não?”*.

Plínio: *“Não Horácio. Bacurau sempre teve aqui, oh só descer, está aqui. Serra Verde. Bacurau tinha que estar aqui. Bacurau sempre teve no mapa”*.

O professor fica surpreso com o fato de que Bacurau não mais se encontrava no mapa eletrônico do computador, assim decide mostrar a localização às crianças fazendo uso de um mapa físico com características arcaicas:

Plínio: *“Bom! Nesse mapa aqui olha para cá. Ah aqui oh. Aqui Bacurau aparece. Nesse mapa nós encontramos Bacurau”*.

Com o passar dos dias, alguns acontecimentos no povoado se tornaram cada vez mais frequentes e estranhos, como as mortes repentinas de moradores e drones que passam a sobrevoar a região com o intuito de observar as estradas, os moradores e os seus modos de vida.

A chegada de dois forasteiros em suas motos foi outro acontecimento que levantou suspeitas dos moradores do povoado. Era sabido pelos moradores que a longa distância do povoado em relação a área urbana do município, como também as poucas condições de infraestrutura física e ausência de serviços públicos básicos não contribuem para que houvesse o desenvolvimento da atividade do turismo local, essa visão dos moradores sobre a baixa influência atrativa do povoado reforçava o sentimento de desconfiança sobre qual seria a intenção que motivou a visita dos forasteiros.

Assim que estacionam suas motos na região, os forasteiros se dirigem ao estabelecimento de Luciene, uma pequena mercearia, e começam a conversar com a proprietária:

Forasteiro: *“Bom Dia! Aconteceu alguma coisa ali?”*.

Luciene: *“Rapaz, teve uma bronca com um caminhão ali, que eu não entendi direito, e aí também vocês chegaram de capacete né. Motoqueiro de capacete aqui não é coisa boa não”*.

Forasteiro: *“A gente não é motoqueiro não. Está fazendo trilha por aí”*.

Os forasteiros são um casal, dois indivíduos brancos oriundos de uma região abastada do país, que mantém uma posição de superioridade e curiosidade em relação aos moradores do povoado. Durante a cena, percebe-se que a sua visita ali não é por acaso, uma vez que a forasteira, aproveitando de uma distração de Luciene, dirige-se a uma das mesas e retira de sua bolsa presa na cintura um equipamento de captura de sinal de conexão de internet, fixando-o debaixo do móvel. A partir desse momento, a comunidade perde o acesso à internet, ficando sem comunicação.

A forasteira ainda demonstra querer permanecer no estabelecimento e continuar a conversa que se caracteriza mais como um interrogatório. Então, ela pergunta à Luciene sobre como pode se referir às pessoas que nascem em Bacurau:

Forasteira: *“Quem nasce em Bacurau é o que?”*.

O filho de Luciene, que ouvia atentamente à conversa, responde instantaneamente:

Filho de Luciene: *"É gente!"*.



Figura 3: Diálogo dos turistas com luciene e seu Filho, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

Os forasteiros ficaram atentos e receberam a resposta com uma expressão de ironia em seus rostos. Após a resposta da criança, o homem continua a conversa:

Forasteiro: *"É o que? É bacurinense?"*.

A mulher ainda curiosa e insistente para ter outras respostas do território, de suas origens, costumes e tradições, ainda indaga:

Forasteira: *"E Bacurau o que significa?"*.

Luciene: *"É um pássaro"*.

Forasteira: *"Um passarinho?"*.

Luciene: *"Passarinho não, é um pássaro, é um pouco maior"*.

Forasteira: *"Entendi, mas está extinto já né?"*.

Luciene: *"Aqui não. Não. Mais aqui ele sai de noite, ele é brabo"*.

Os forasteiros demonstram indiferença e encaram as repostas num tom de brincadeira, eles demonstram preconceito regional e de raça em relação aos moradores de Bacurau, devido pertencerem a um povoado da região Nordeste, onde existe precariedade de condições básicas

de vida, de serviços públicos e pelos moradores em sua maioria serem negros, caracterizando um racismo comparativo da população branca (sul do Brasil) com a população negra (Nordeste do Brasil).

Os forasteiros decidem sair do estabelecimento e seguem em direção às suas motos, que se encontravam estacionadas onde outros moradores estavam observando o casal, a Tereza, moradora negra que retorna ao povoado, o Acácio/Pacote, morador negro envolvido com práticas de violência na região, e o Erivaldo, morador negro que é o motorista do caminhão pipa que traz a água para os moradores, e a forasteira indaga:

Forasteira: *“Agora, engraçado, o povoado não tá nem no mapa, né?”*

Teresa: *“Como não tá no mapa?”*

Forasteira: *“Cara, a gente achou por acaso. Por acaso!”*

Teresa: *“Tá no mapa sim.”*

Erivaldo: *“Se precisar de alguma coisa aí, viu? Eu sou o Erivaldo, essa aqui é Teresa, esse aí é Acácio.”*

Forasteiro: *“Sou João essa aqui é a Maria.”*

Pacote: *“João e Maria!”*

Forasteiro: *“João e Maria!”*

A sutileza do desaparecimento de Bacurau do mapa é a simbologia com a imposição de inexistência como uma das marcas da colonialidade. Como eles podem reivindicar seus direitos, sua voz, sua humanidade, se nem existência possuem? Esse fato, somado à retirada da conexão do povoado, prepara o terreno para que os invasores, advindos do exterior, iniciem o seu jogo.

A resistência de Bacurau à violência

No aclamado livro “Os Sertões”, Euclides da Cunha (2010) nos agracia com a emblemática frase “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Tomando, então, como ponto de partida essa percepção dos moradores do longínquo povoado de Bacurau, pode-se perceber que a organização social é um fator decisivo para a sua sobrevivência.

Bacurau, circunscrita em uma região hostil, ensinou aos seus moradores que a única forma de sobrevivência diante da realidade de opressão, precariedade e desalento era através da cooperação. “*Uma mão lava a outra*”, diz o ditado popular, e é assim que se dá a vida em Bacurau. Quando da chegada dos invasores, pôde-se perceber como fora importante que os munícipes se unissem e se protegessem do perigo iminente. Essa união foi fomentada deixando de lado as diferenças externas e acolhendo o foragido da polícia, a curandeira, a mulher que fez ensino superior na cidade grande, o cangaceiro não binário, as prostitutas, a médica, o professor, os idosos, as donas de casa, as crianças, enfim, as diferenças parecem não importar quando o que se tem comum é o local de enunciação de ser morador de Bacurau. E ser morador de Bacurau, como nos mostra o filme, é ser, antes de tudo, um forte. Esse contexto pode ser vislumbrado com base na Figura 4.



Figura 4: Lunga e Pacote resolvem suas diferenças e se unem, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

Os invasores, um grupo de norte-americanos que veio à Bacurau em busca de um jogo macabro - a cada assassinato dos cidadãos de Bacurau, pontos seriam atribuídos ao seu algoz - juntamente com João e Maria, o casal brasileiro que fez o reconhecimento do povoado, articulam o plano e estabelecem as regras do jogo. Com base na Figura 5, observa-se o líder do grupo estrangeiro, Michael, estipulando como eles devem jogar.



Figura 5: Líder dos invasores estipulando as regras do jogo, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

Nesse ponto da trama, percebe-se que o casal de forasteiros brasileiro e, até mesmo, o prefeito da cidade, Tony Jr., foram fundamentais para que os estrangeiros se fixassem no povoado e se organizassem em Bacurau para iniciar o seu *jogo*. Em relação a esses personagens, é perceptível que eles se acham e se veem de modo diferente aos moradores de Bacurau, como se fossem mais gente do que eles. Em uma das cenas, que pode ser observada por meio da Figura 6, os forasteiros externalizam que são, de fato, diferentes pois são de uma região muito diferente da de Bacurau, região essa que contém por colônias alemãs e italianas, e por isso eles se sentem “mais como” os estrangeiros que como os moradores do povoado.



Figura 6: Sulistas mencionando que são de uma região diferente, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

O irônico é que, minutos depois, esses forasteiros sofrem *bullying* pelos invasores e têm a sua branquitude contestada, como se pode vislumbrar através da Figura 7. “*Como podem ser como a gente? Somos brancos*”, os norte-americanos dizem. Essa fala, por si só, marca como esses indivíduos se sentem superiores aos brasileiros em função de sua posição de indivíduo do Norte global.



Figura 7: Estrangeiros debochando dos sulistas, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

É, então, com base nesse sentimento de superioridade e, também, na revelação de ter sido eles os responsáveis pela morte dos amigos de Pacote (uma afronta ao grupo norte-americano, pois se configura como “um roubo” de mortes que deveriam ser suas) que os forasteiros sulistas são mortos sem piedade e o jogo macabro é iniciado.

Todavia, o que os norte-americanos não esperavam é que os moradores de Bacurau, já desconfiados da situação e postos em alerta quando uma das crianças do povoado é assassinada, estivessem articulando uma dura resistência à essa tentativa atroz de assassinato em massa. Desse modo, tomando o seu poderoso psicotrópico, aqui metaforicamente compreendido como o despertar do conhecimento da sua condição subalterna e da urgência de uma ação articulada visando a sobrevivência do povoado, os moradores de Bacurau formam um forte e resistem bravamente contra os bem armados invasores.

A Figura 8, disposta a seguir, contextualiza o momento em que o líder do invasores é capturado e confronta Tony Júnior chamando-o de amigo. Os moradores, então, tomam conhecimento de que o prefeito estava envolvido no ocorrido e tomam as devidas providências para que ele seja punido.



Figura 7: Resistência dos moradores de Bacurau, cena do filme *Bacurau* de 2019, dirigido por Kleber Mendonça e Juliano Dornelles.

A resistência de Bacurau desvelou seu ponto chave: a união dos diferentes em prol da sua existência. No entanto, surge um dilema: o que os cidadãos de Bacurau poderiam fazer para resistir diante da precariedade que já perpassava suas vidas e do jogo sangrento que estava ocorrendo? Ora, a resistência à tamanha situação de violência teve que ocorrer também com violência, a população que já estava acostumada com as opressões cotidianas, sabia que para existir tinha que aprender a se defender com unhas e dentes.

E assim o fizeram, a resistência de Bacurau foi “matar para não morrer”, na qual os moradores inverteram a ordem do jogo e se prepararam para caçar àqueles que iriam caça-los, ficando de tocaia para enfreá-los.

Desse modo, percebe-se, numa interpretação mais ampla, que a resistência diante da colonialidade e da precariedade que dela advém não pode ser comedida, tem que ser bem articulada, forte, enfática e sobretudo, inteligente. Afinal, como resistir às estruturas tão bem

diluídas em nossa sociedade senão a partir da união das forças daqueles condicionados à inexistência?

Se Bacurau resistiu fortemente aos invasores, ao político ardiloso, às condições precárias e hostis inerentes à sua localização, foi porque assumiu a sua condição de subalternidade, e a partir dela compôs estratégias de sobrevivência com base na coletividade. Aceitar a realidade tal qual ela era foi o primeiro passo para que a mudança começasse a ocorrer. Aceitar que a população comum de Bacurau, desde o mais forte e destemido cangaceiro, até a idosa católica que possui suas crenças arraigadas em seus santos, quando unidos em torno do bem comum podem compor uma força com base na alteridade que é capaz de resistir às intempéries, até mesmo ao mais vil dos invasores. Assim, por meio de uma integração social, Bacurau enfrentou a ameaça e saiu vencedor, demonstrando que ainda que com menos recursos, era possível por meio da união e da coletividade o enfrentamento dos problemas.

Por meio dessa rica simbologia, Bacurau nos aponta dois pontos importantes: 1) a existência de indivíduos que se sentem mais gente que outros, atuando na forma de colonizadores e opressores que buscam a todo custo exercer o seu poder e supremacia naqueles que consideram “menos gente” e 2) o forte poder que a população possui para resistir a realidades aterradoras, desde que possua o conhecimento, a união e a organização. A chave de tudo em Bacurau é o conhecimento de sua posição, do seu lugar de enunciação e a partir disso, a construção de uma identidade compartilhada por todos e que re-existe diante da imposição de inexistência pelos dominadores.

REFERÊNCIAS

BACURAU. Direção: Juliano Dornelles, Kleber Mendonça Filho. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019. (131 min).

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista brasileira de ciência política, p. 89-117, 2013.

CUNHA, Euclýdes da. **Os sertões**. 2010.

GROSFOGUEL, Ramon. **Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-
versalismo transmoderno decolonial desde Aime Cesaire hasta los zapatistas**, In:
CASTRO-GOMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) *El giro decolonial: reflexiones
para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global*. Bogota: Siglo del Hombre
Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporaneos, Pontificia
Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007.

IBARRA-COLADO, Eduardo. **Organization studies and epistemic coloniality in Latin
America: Thinking otherness from the margins**. *Organization*, v. 13, n. 4, p. 463-488, 2006.
PALMA, A.; ASSIS, M. R.; VILAÇA, M. M. Bacurau: uma metáfora do Brasil atual. *Revista Práxis*,
v. 11, n. 22, dezembro, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al
desarrollo de un concepto**, In: CASTRO-GOMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.)
El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global.
Bogota: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales
Contemporaneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007.

MARTINS, Paulo Henrique N. **Teoria crítica da colonialidade**. Ateliê de Humanidades, 2019.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. **A crítica epistemológica à ciência moderna: por uma
sociologia decolonial**. In: XXIX Congresso ALAS CHILE, 2013, Santiago. *Crisis y emergencias
sociales en América Latina*. Santiago: ALAS, 2013. v. 1. p. 1-10.

_____. **A virada pós-colonial: experiências, trauma e
sensibilidades transfronteiriças**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 123, p. 77-96, 2020.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. *Revista brasileira
de ciências sociais*, v. 32, 2017.

_____. **Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo.** Madrid: Akal. 2003.

_____. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Argentina: Ediciones del signo. 2010.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social.** In: Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses (Orgs.). *Epistemologias do sul.* P. 84-130. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes.** *Novos Estudos*, n. 79. Novembro, 2007.

_____. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul.** Autêntica, 2021.

SOUZA, Jessé de. **Subcidadania brasileira: para entender o país para além do jeitinho brasileiro.** Rio de Janeiro. Leya. 2018.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, F.; GONÇALVES, E. **Quem nasce em Bacurau é gente? Gênero e precariedade de vida no filme “Bacurau”.** *Revista Digital do LAV*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 236–253, 2020. DOI: 10.5902/1983734844052. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/44052>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** 1ª edição [1952]. São Paulo: Ubu, 2020.

Submetido em 14/07/2022
Aprovado em 03/10/2022